

O NIILISMO COMO DESTINO SEGUNDO GIANNI VATTIMO

THE NIHILISM AS DESTINY SECOND GIANNI VATTIMO

Alexandre Gonçalves Barbosa*

INTRODUÇÃO

Nessa comunicação tentaremos evidenciar como Gianni Vattimo adota o niilismo como destino a partir do legado de Nietzsche e Heidegger. Dentro dessa perspectiva, a herança nietzschiana corresponde à adoção do niilismo como sendo a única chance que resta à razão. A partir disso, o esforço reflexivo de Vattimo é o de unir tal perspectiva ao legado heideggeriano. O ponto de interseção é encontrado na aceção de que para Nietzsche nem todos os valores desaparecem, mas sim os valores supremos, sintetizados na morte de Deus; e para Heidegger, na história da filosofia, que coincide com a história da metafísica, o ser não desaparece, mas ao longo do desenvolvimento da técnica se transforma em valor de troca (HEIDEGGER, 1979). Acerca disso Vattimo afirma que “a consumação do ser em valor de troca, o devir fábula do mundo verdadeiro, também é niilismo na medida em que comporta um debilitamento da força coercitiva da ‘realidade’” (VATTIMO, 1996, p. 13).

Se o niilismo é a nossa única chance, como mencionado acima, não há dúvidas quanto à existência das tentativas de retorno às especulações filosóficas de uma “razão forte”, dita metafísica. É nesse sentido que emergem as críticas de Vattimo a correntes filosóficas que se deixam seduzir pelo apelo a um fundamento (*Grund*) que estabilize a incerteza que o niilismo, a princípio, prefigura ao filosofar. Na análise do filósofo italiano não cabe mais um retorno ao fundamento, pois tal ato significaria uma perda de tempo, ao passo que o niilismo avança e se concretiza no transcorrer da história, mesmo com apelos e tentativas de reapropriação.

É a partir desse viés que se abre a perspectiva de se ter o niilismo como destino. Se na aceção de Heidegger o desenvolvimento da técnica fez com que a filosofia chegasse a um lugar, o lugar de seu acabamento, este significa “[...] a concentração nas possibilidades supremas” (HEIDEGGER, 1979, p. 72); para Nietzsche uma filosofia baseada em valores já não tem mais razão de ser, devido à morte de Deus. A síntese de Vattimo consiste em entrelaçar ambas as perspectivas com vistas à abertura de um novo horizonte para a filosofia,

* Mestrando em Filosofia pela UFRRJ. E-mail: a.goncalves.barbosa@gmail.com.

retomando o empreendimento heideggeriano, traindo-o em sua interpretação acerca de Nietzsche, para trazer desse filósofo a veia niilista da tarefa de filosofar.

Convém, a partir de então, destacar algumas consequências de se adotar o niilismo como destino. Sendo assim, por primeiro abordaremos a crise do humanismo e posteriormente o fim da modernidade.

1 A CRISE DO HUMANISMO

Na tematização da crise do humanismo, Vattimo traz sua elaboração no apoio teórico de Nietzsche e Heidegger. Deste aponta para a crítica ao humanismo, fundamentada na *Carta sobre o humanismo* (1947), e daquele para a crítica à noção de sujeito. Adentremos, pois, nos pormenores da reflexão vattimiana.

Segundo Dilthey (1907), a metafísica é marcada por dois momentos: a metafísica antiga e a moderna. De acordo com o autor o momento que marca a divisão desses dois momentos não é o advento da modernidade, mas sim o surgimento do cristianismo. De acordo com a perspectiva clássica, o ser era um dado do mundo exterior, através do qual era possível acessar o fundamento. Já na perspectiva cristã, o acesso se dá pela interioridade, e Agostinho é o exemplo mais claro disso, como podemos perceber nesta passagem da obra *Confissões*: “e como invocarei o meu Deus – meu Deus e meu Senhor –, se, ao invocá-Lo, O invoco sem dúvida dentro de mim?” (AGOSTINHO, 1996, p. 38).

A noção de introspecção que marca o pensamento agostiniano atravessa a história do cristianismo e desemboca na modernidade. Descartes, considerado o pai da Idade Moderna, sintetiza no *Discurso do método* (1637) e nas *Meditações* (1641) ambas as pretensões metafísicas, a antiga e a moderna: o de buscar na introspecção o fundamento inabalável, mas olhando para dentro de si de forma objetiva, a fim de conhecimentos seguros e certos.

É nessa perspectiva que alguns teóricos defendem que Descartes não representa uma ruptura com a tradição metafísica vigente até então, mas é sua concretização em um novo método. Dentre tais autores se encontra Nietzsche, e em sua esteira reflexiva Vattimo.

As críticas de Nietzsche à reflexão cartesiana são intensas, e não estão presentes na reflexão de Vattimo (PIRES, 2007). Ele se utiliza de tal autor para fazer uma passagem reflexiva e entrever como o sujeito em sua noção de consciência imediata – aquela que acessa o conhecimento de forma objetiva – é frágil. É da noção de consciência cartesiana que emerge o conceito de humanismo, que tem no próprio sujeito seu fundamento e centralidade.

De acordo com Vattimo “[...] o humanismo é a doutrina que atribui ao homem o papel de sujeito, isto é, de autoconsciência como sede da evidência, no quadro do ser pensado como *Grund*, como presença plena.” (VATTIMO, 1996, p. 32). O fato de o sujeito ser autoconsciente significa que ele funda a si mesmo, e que não necessita de um elemento externo para garantir-lhe a existência. O apoio cartesiano é nítido, pois Descartes fundamenta o ser no *cogito*, na própria noção de pensar, portanto não pode negar que pensa; mesmo que exista um gênio maligno que o engane acerca dos pensamentos, ele pensa estar em dúvida.

Podemos pensar que Nietzsche, a partir da elaboração teórica da morte de Deus, é um autor que repropõe o humanismo em face à valorização do sujeito em detrimento de um fundamento ulterior; porém, com Vattimo, aproximamos Nietzsche a Heidegger e percebemos um afastamento progressivo de tal conclusão prévia; isso pois Vattimo toma de Heidegger a noção de que o humanismo é uma outra face da metafísica e que é necessário superá-lo, pois como anuncia Nietzsche com o niilismo não há espaço para um fundamento metafísico ulterior.

Uma das posturas que emergem quando se fala em crise do humanismo é a de que o desenvolvimento da técnica ocasiona um processo de desumanização, com suas variáveis consequências. Entretanto, para Heidegger tal ponto de vista é contestado, pois na concepção deste filósofo o humanismo representa o desenvolvimento perene da metafísica ao longo da história.

De acordo com a interpretação heideggeriana, a metafísica é a história do esquecimento do ser em favor do ente. Desse modo, a diferença ontológica entre ser e ser do ente não é respeitada, fato que ocasiona o desenvolvimento da crença de que o fundamento é apenas um ser objetivável, o que permanece imperceptível até a análise que Heidegger proporciona. Como o fundamento é o ser de um ente, torna-se fácil objetivá-lo, conceituá-lo e até mesmo mensurá-lo, tarefas cabíveis à tecnociência. Portanto, a técnica não passa de um desenvolvimento da metafísica, fato que surgiu de uma escolha realizada pelos filósofos da tradição filosófica ocidental, que não respeitou as diferenças entre ser e ente.

Desse modo, o argumento que coloca a técnica como sendo a culpada pela crise do humanismo permanece em ‘xeque’. Vattimo, que comenta essa passagem da filosofia heideggeriana, afirma que

[...] o fato de a técnica se apresentar como uma ameaça para a metafísica e para o humanismo é apenas uma aparência, derivada de que, na essência da técnica, desvendam-se as características próprias da metafísica e do humanismo, que estes sempre haviam mantido ocultas. Esse desvendamento-desdobramento também é o

momento final, culminância e início da crise, para a metafísica e para o humanismo. (VATTIMO, 1996, p. 29).

A crise do humanismo é encarada como um destino, da mesma forma que a metafísica proporciona a crise da filosofia. Em estrito, ambos são frutos de uma filosofia que cometeu o erro metafísico de considerar o ser como simples-presença. O humanismo é também um desenrolar da história do pensamento metafísico, sendo assim, a ele também cabe o termo superação implicado por Heidegger à metafísica. Mas tal superação se dá nos termos de uma *Verwindung* que se torna possibilidade diante da *Ge-Stell*, imposição, da técnica em toda sua potencialidade (VATTIMO, 1996, p. 28).

De acordo com a interpretação de Vattimo, a *Verwindung* a que está sujeito o humanismo deve ser tratada com a mesma acepção que a palavra possui em sua tradução italiana, que nessa língua significa *rimettersi*, portanto, “[...] reestabelecer-se, sarar de uma doença; remeter-se a alguém; remeter-se alguma coisa, como transmitir-se de uma mensagem [...]” (VATTIMO, 1996, p. 27). Como comenta Evilázio Teixeira (2013, p. 25) acerca desse termo, “a metafísica é algo que permanece em nós como as sequelas de uma doença ou como uma dor a que nos resignamos.”. Sendo assim, outra imagem possível é a de que o humanismo não deve ser tomado como um casaco que se deixa de usar para ser jogado fora; mas assume as formas de uma passagem, desse modo é necessário remeter-se a ele para ultrapassá-lo.

O ultrapassamento do humanismo leva em consideração o fato de que a morte de Deus representa a dissolução de todo apego a um fundamento peremptório. Também não se deve considerar que tal crise represente o fim dos valores humanísticos, pois como afirma Heidegger, por detrás de tais ‘valores’ se escondia a técnica; fazendo com que o humanismo não representasse a crença na emancipação do humano, e sim da técnica.

Em suma, a crise do humanismo representa ao mesmo tempo a crise da técnica e da metafísica. O ruir pré-anunciado, da superação da metafísica, encontra aqui mais um forte abalo na estrutura gnosiológica metafísica, que coloca o sujeito como centro dos saberes. Pensar em termos de uma *Verwindung* do humanismo significa desconsiderar a pretensão da técnica de um *ontos on* platônico e de um sujeito forte (VATTIMO, 1996, p. 36). Os efeitos do niilismo ainda se desenrolam de tal forma que fazem emergir, de acordo com Vattimo, ainda na filosofia nietzschiana, a noção de pós-moderno em filosofia. Acompanhemos mais esse golpe do machado niilista, agora dirigido à modernidade.

2 NILISMO E PÓS-MODERNO EM FILOSOFIA

Para se elaborar de forma sistemática um discurso sobre o pós-moderno em filosofia, é necessário, segundo Vattimo, recorrer à noção heideggeriana de *Verwindung* que, embora indique superação, diferencia-se do termo *Überwindung*, que se refere à superação de um passado que nada mais tem a nos dizer. De acordo com Vattimo (1998, p. 169), “[...] é precisamente a diferença entre *Verwindung* e *Überwindung* que nos pode ajudar a definir o ‘pós’ de pós-moderno em termos filosóficos”.

Para o filósofo de Turim, o primeiro a falar em termos de uma *Verwindung* foi Nietzsche, e não Heidegger, embora não conste em seus escritos tal termo. O que leva Vattimo a tal concepção é o fato de que Nietzsche, no período que compreende as obras *Humano, demasiado humano* (1878), *Aurora* (1881) e *A gaia ciência* (1882), propõe a tese de que o homem do século XIX vivia uma espécie de doença histórica, provocada pelo excesso de consciência histórica que, por sua vez, gerava a ausência de um estilo específico, tanto nas artes, na arquitetura, na moda etc. Ainda em *Humano, demasiado humano* a saída indicada para tal problema não se dá com a ajuda de formas históricas ‘eternizantes’, como a religião e arte, mas mediante uma radicalização das tendências que constituem a própria modernidade.

A modernidade caracteriza-se pelo novo, pela superação, pelo fundamento e pela ‘razão forte’. De acordo com Vattimo, apoiado na reflexão de Nietzsche,

[...] a modernidade se define como a época da superação, da novidade que envelhece e logo é substituída por uma novidade mais nova, num movimento irrefreável que desencoraja qualquer criatividade, ao mesmo tempo que a requer e impõe como única forma de vida [...] (VATTIMO, 1998, p. 171).

Se uma das características mais marcantes da modernidade é a superação, superá-la se torna um movimento extremamente difícil. A superação da qual se encarrega a modernidade é tanto temporal, que corresponde à sucessão dos fenômenos históricos; quanto crítica, o que impossibilita o apelo às estruturas ‘supra-históricas’, ‘eternizantes’, que Nietzsche havia pensado como saída da doença histórica. O caminho que ainda resta é o de radicalização das próprias estruturas da modernidade mediante uma redução química de todos os valores que a compõem.

Tal redução química dos valores, ao ser realizada, leva à constatação que até mesmo a verdade é um valor que se dissolve. Até mesmo a noção de verdade, que era o fundamento da redução, não passa por esta redução sem sofrer danos. A noção de verdade se funda em uma

crença que se impôs ao homem devido às suas necessidades vitais, o que lhe conferiu a possibilidade de estabelecer um primado da verdade sobre a não verdade; tal noção também se apoia na consideração de que o sujeito é capaz de conhecer todas as coisas em si mesmas, portanto, de dizer o que é e o que não é verdade.

Como a própria noção de verdade se dissolve, pela redução química, falar que Deus ‘morre’ possui o mesmo sentido. O valor supremo, aquele que fundava o horizonte do saber metafísico, não mais subsiste e também não pode mais fundar. Resta reconhecer os erros de uma concepção que agora pode ser superada. Para Vattimo (1998, p. 173) “é com essa conclusão niilista que se sai de fato da modernidade [...] pois a noção de verdade não mais subsiste e o fundamento não mais funciona, dado que não há fundamento algum para crer que o pensamento deva fundar”.

A saída da modernidade implica uma nova oportunidade, um novo modo de pensar. Entretanto, de acordo com Vattimo, seus efeitos, significados e consequências ainda não foram suficientemente medidos pela filosofia, bem como os da morte de Deus. Um dos efeitos, que de tais fatos se desenrola, é a ideia do ‘eterno retorno do igual’. A modernidade se concretizava na descoberta e existência de um *novum* que funcionava como fundamento, agora, pois, com a dissolução do fundamento, não há mais espaço para tais descobertas fundantes.

Entretanto, a sombra do *novum* ainda continua a projetar-se sobre a humanidade, no desejo de um fundamento que ampare as instabilidades de se habitar em um mundo ‘incerto’. Como afirma Vattimo (1998, p. 174), “a *Aufklärung* – o desenrolar da força do fundamento na história – não acaba com a destruição da ideia de verdade e de fundamento”. Há ainda resquícios de uma tentativa de retorno ao fundamento, um apelo que ainda subjaz mesmo com a morte de Deus, que caracteriza um cenário totalmente diferente. Nesse cenário a tarefa do pensamento não é mais a de recorrer a um fundamento, nem de negar os erros e as consequências da concepção de verdade vigente até então, mas abrir novos caminhos mediante o ponto em que se encontra.

A tarefa do pensamento não mais se orienta para o fundamento e, de acordo com Nietzsche, a compreensão ou a objetivação da origem aumenta a sua desvalorização; portanto, a orientação dirige-se para aquilo que está próximo. Estabelece-se então uma filosofia da proximidade, uma ‘filosofia da manhã’ que, como interpreta Vattimo, também se caracteriza por ser

[...] um pensamento do erro; ou melhor ainda, da ‘errância’, para ressaltar que não se trata de pensar o não-verdadeiro, mas de encarar o devir das construções ‘falsas’ da metafísica, da moral, da religião, da arte – todo esse tecido de erronias que constituem a riqueza ou, mais simplesmente, o *ser* da *realidade*. (VATTIMO, 1998, p. 176).

Dessa filosofia da manhã é capaz o homem de bom temperamento, que está longe do “encarniçamento dos cães e dos homens envelhecidos”, ou seja, aqueles que não se apegam à necessidade de um princípio qualquer, mas que se abrem ao próximo; que se abrem até mesmo aos erros de uma razão metafísica e decidem viver na errância, devido à ausência de fundamento, de um sentido definido.

Para uma melhor compreensão dessa atitude de retorno aos erros metafísicos convém abordar a noção heideggeriana de *Verwindung*, muito rara nos textos de Heidegger, mas de notória aplicabilidade em nosso caso. Como havíamos mencionado antes, o termo refere-se a uma superação, mas que não implica em um deixar de lado, abandonar, mas ao mesmo tempo inclui as características da aceitação e do aprofundamento (VATTIMO, 1998, p. 179). No léxico alemão, ainda acrescenta-se ao termo *Verwindung* o sentido de convalescença, como cura de uma doença, e (dis)torção, “[...] alteração desviante [...]” (VATTIMO, 1998, p. 179).

De acordo com Heidegger, a metafísica e o *Ge-Stell*, mundo da imposição da técnica, conduzem ao fim da filosofia, entretanto conduzem também a uma nova possibilidade. Para tanto é necessário operar, não uma superação crítica, bem como não admite Nietzsche para superar a doença histórica, mas sim uma torção, uma mudança de direção que essencialmente não estava prevista. Aqui a noção de rememoração (*An-denken*), no sentido heideggeriano, torna-se basilar, e “[...] quer dizer de um pensamento sem fundamento, que através do jogo interpretativo seja capaz da superação da metafísica” (TEIXEIRA, 2013 p. 383). Rememorar os erros da metafísica não se trata de operar uma superação crítica ou aceitar seus erros para prosseguir; trata-se de assumir o passado, o legado metafísico com todas suas implicações.

O último Heidegger, que traz a noção de *An-denken*, possibilita uma aproximação do Nietzsche da ‘filosofia da manhã’. Isso porque, embora o primeiro Heidegger proponha a retomada do problema do ser, após a *Kehre*, viragem, do seu pensamento o problema do ser é enxergado pelo viés de uma tarefa da desconstrução da história da ontologia (TEIXEIRA, 2013, p. 26).

Em termos, a interseção entre as elaborações de Nietzsche e Heidegger, na análise que empreendemos, é percebida da seguinte forma por Vattimo (1998, p. 182)

O efeito niilista da autodissolução da noção de verdade e da de fundamento, em Nietzsche, tem seu paralelo na ‘descoberta’ heideggeriana do caráter ‘epocal’ do ser; também em Heidegger, o ser não pode (mais) funcionar como *Grund*, nem para as coisas, nem para o pensamento.

O ser não funciona mais como *Grund*, portanto ele se revela nas aberturas do horizonte histórico em que se insere. Do mesmo modo a metafísica se torna abertura histórica dos erros e das causas de se tomar um fundamento qualquer, que poderia ser objeto do sujeito. A hermenêutica heideggeriana não se caracteriza por uma técnica de interpretação objetiva de descrição da existência do ser, mas sim da análise das transmissões e aberturas históricas, que constituem o ser.

Vattimo, ao fim da obra *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*, propõe como conclusão provisória três características do pensamento da pós-modernidade (VATTIMO, 1996, p. 184): um pensamento de fruição, de contaminação e do *Ge-Stell*. De acordo com sua análise a primeira característica é a da fruição, que lança fora a noção de um *novum*, e de um fundamento metafísico; o que gera impactos na ética, opondo uma ética dos bens a uma dos imperativos. A segunda, é a da contaminação, que além da (dis)torção proporciona uma aproximação entre os fragmentos filosóficos da pós-modernidade, mas não com uma pretensão unificadora totalizante, e sim de cunho residual fraco (PECORARO, 2005, p. 90). Por fim, o pensamento pós-moderno é um pensamento do *Ge-Stell*, no qual, pela *Verwindung*, se torna possível uma (dis)torção que proporciona a chance de um novo horizonte para a razão, a possibilidade de um novo, debilmente novo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

DILTHEY, Wilhelm. **A essência da filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. In.: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 149-175.

PECORARO, Rossano. **Niilismo e (pós) modernidade**: introdução ao "pensamento fraco" de Gianni Vattimo. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.

PIRES, Frederico Pieper. **A vocação niilista da hermenêutica**: Gianni Vattimo e religião. 2007. 267f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Paulo.

TEIXEIRA, Evilázio Borges. **A fragilidade da razão: *pensiero debole*** e niilismo hermenêutico em Gianni Vattimo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

TEIXEIRA, Evilázio Borges. Gianni Vattimo. In.: PECORARO, Rossano (Org.). **Os filósofos: clássicos da filosofia: de Ortega y Gasset a Vattimo**. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2009. p. 376 – 395.

VATTIMO, Gianni. **Acreditar em acreditar**. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.